

MARCELO NERI

'Crise favorece neopentecostais'

NO PERÍODO DO ANO em que a fé está no ar, coordenador do 'Novo mapa das religiões' (2009) fala de pesquisa em andamento sobre as crenças dos brasileiros

EMILIANO URBIM
emiliano.urbim@oglobo.com.br

Enquanto pesquisadores de todas as áreas buscam entender a crise pela qual o país passou — e, inclusive, se ela já passou mesmo — o economista Marcelo Neri tem uma inquietação bem específica: será que a recessão recente afetou a relação entre os brasileiros e a religião? Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) durante o primeiro governo Dilma Rousseff e atual diretor da FGV Social, ele agora conduz uma pesquisa de campo no Rio de Janeiro e em São Paulo que deve trazer algumas respostas para essa questão de fé.

Em 2009, Neri coordenou na Fundação Getulio Vargas (FGV) o "Novo mapa das religiões", pesquisa que virou referência. O estudo em andamento, que deve oferecer pistas sobre o sincretismo e a mobilidade religiosa dos brasileiros, só fica pronto em meados de 2018. Mas o economista tem uma hipótese: enquanto o *boom* econômico coincidiu com o crescimento de igrejas protestantes tradicionais (como batistas e metodistas), estudos indicam que neopentecostais (linhas mais novas, como a Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus) crescem em crises como a atual. É uma tese "que os dados vão comprovar ou desmentir", adverte. E acrescenta: "É preciso ter cuidado com este tema, tão fascinante quanto delicado".

● **Como é a pesquisa que a FGV está conduzindo agora?**

O que está em curso é uma Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), na qual parte do conjunto de perguntas possui como tema a religião dos entrevistados. Vale ressaltar que não é um estudo com a mesma abrangência nem a mesma profundidade do "Novo mapa das religiões". Ainda assim, vamos poder atualizar alguns dados recolhidos durante a realização daquele levantamento.

● **Que diferenças podemos esperar do que foi detectado em 2009 para o novo estudo, que sai em 2018?**

Uma coisa que podemos afirmar é que há uma tendência muito forte de queda do catolicismo. É um movimento que já tem algumas décadas, claro, mas, adotando uma visão histórica, não deixa de ser recente. No Censo Demográfico de 1950, 95% ainda afirmavam ser católicos. A queda mais acentuada começou depois dos anos 1980, chegando a 64% no último Censo, em 2010. Resta saber se esses dois terços são um piso ou se a queda vai prosseguir.

● **Com relação aos evangélicos, alguma tendência se desenha?**

Temos algumas hipóteses, que os dados vão comprovar ou desmentir. Sabemos pelo último estudo que, entre 2003 e 2009, anos de crescimento econômico, houve simultaneamente um *boom* de igrejas protestantes tradicionais. Partindo do clássico "A ética protestante e o espírito do capitalismo" (1905), do sociólogo Max Weber, enquanto o protestantismo tradicional liberou o cidadão da culpa católica de acumulação capital, as novas formas pentecostais liberaram a acumulação de capital através da igreja. Além disso, estudos em outros países mostram que, quando ocorrem crises econômicas como a que passamos, há um grande crescimento das igrejas neopentecostais. De alguma forma, elas parecem ter estrutura para crescer em momentos como este.

● **Que fatores ajudariam neste possível crescimento neopentecostal?**

A própria infraestrutura das igrejas pentecostais é uma oportunidade de trabalho para quem está desempregado. Ser padre não compensa nesse sentido: é uma posição vetada à mulheres, você demora sete anos para se ordenar, você não acumula patrimônio.

Enquanto isso, essas novas denominações funcionam um pouco como uma franquia: um fiel ou uma fiel pode abrir um templo na garagem de casa, junta algo para a comunidade com algo de que você precisa, uma ocupação.

● **Segundo os dados de 2009 e os que estão chegando, onde os neopentecostais crescem com mais força?**

Nos territórios da velha pobreza brasileira, como as áreas rurais do Nordeste, o catolicismo deve continuar predominante. Os neopentecostais devem continuar crescendo na periferia das metrópoles, em favelas. Eles ocupam o vácuo deixado pelo Estado, prestam serviços que nem são de natureza religiosa. Nessa realidade, o dízimo pode ser visto como uma instituição paralela à cobrança de impostos.

● **Parece a situação de algumas áreas do Rio de Janeiro atual.**

Na verdade, o Rio é bem eclético. Há menos católicos e mais de tudo: mais praticantes de religiões orientais e afro-brasileiras e um grande número de pessoas sem religião. Mas claro: o fato de existirem na história recente do estado um governador e uma governadora abertamente evangélicos (*Anthony e Rosinha Garotinho*) e um prefeito ligado à Igreja Universal (*Marcelo Crivella*) mostram que esse segmento possui força no Rio de Janeiro.

● **Seguindo seu raciocínio anterior, a crise econômica do estado do Rio é um fator a ser levado em conta?**

Sim. Seguindo aquela tese de que crises econômicas favorecem o crescimento dos neopentecostais, a situação atual dos fluminenses e cariocas parece o cenário ideal para essas denominações. É uma hipótese que eu tenho curiosidade de verificar. Mas minha postura é de pesquisador, sem fazer julgamentos de valor ou entrar em aspectos políticos ou de consideração de interesses econômicos. É um tema tão fascinante quanto delicado.

● **Qual seria um prognóstico para a ascensão da fé evangélica?**

Existe uma certa regularidade empírica internacional. Comparando os casos de vários países, os evangélicos não ultrapassam 20% da população. O único caso em que se ultrapassou esse índice foi na Guatemala, em um cenário de

TESES A SEREM TESTADAS

1. Novas Igrejas crescem na crise.

Dados indicam que neopentecostais tendem a crescer em momentos de instabilidade econômica como o que o Brasil passou.

2. Católicos continuam em queda.

Tudo indica que o viés de baixa do catolicismo, acentuado nas últimas décadas, deve continuar prevalecendo neste novo levantamento da FGV.

3. A dupla religião serve para todas as religiões.

Uma característica da fé brasileira, o hábito de adotar duas ou mais crenças pode se estender a todos os segmentos religiosos. Evangélicos, tidos como literalmente fiéis, provavelmente praticam outras crenças.

guerra civil prolongada onde novas igrejas surgiram e prosperaram.

● **Novamente, há paralelos com algumas regiões do Rio e do Brasil.**

Na verdade, o crescimento recente desse segmento já foi detectado. Uma recente pesquisa do Instituto Datafolha apontou que 32% dos brasileiros já seriam evangélicos. Esse número me surpreendeu, eu não imaginava um avanço nessa velocidade.

● **Que outras características são observadas nesse crescimento?**

Os dados mostram que os neopentecostais ganham fiéis, mas também perdem devotos para os concorrentes. Outra coisa que esperamos comprovar é que existe um grande trânsito entre os extremos: muitos dos que se declaram não religiosos aderem depois aos neopentecostais e vice-versa. Enfim, por uma série de fatores, não é possível ainda afirmar se existe um teto ou se o Brasil tende a virar no futuro uma grande nação evangélica.

● **O sincretismo não exerceria algum papel nesta equação?**

É um fator típico do Brasil e que as pesquisas precisam captar melhor: a dupla religião. Em nosso país, as pessoas tem só um time de futebol, mas na fé existe uma flexibilidade maior. E isso não é novo, sempre existiu: as pessoas se diziam católicas, mas eram espíritas, iam a terreiro. É possível que esse contingente evangélico, que hoje parece literalmente fiel, passe a exercer essa múltipla religiosidade também.

● **Por que é tão importante estudar religião no Brasil?**

A religião no Brasil possui características únicas, é uma variável importante para captar a nossa subjetividade. Observar e detalhar a sua evolução é acompanhar a própria transformação da sociedade brasileira ao longo das décadas. Além disso, ela define nossa presença no resto do mundo. Eu tive a oportunidade de vivenciar isso na Nicarágua, Índia, África do Sul. Se você chegar nesses países com insônia, ainda se adaptando ao fuso horário, e ligar a TV no meio da noite, fatalmente vai se deparar com um pastor brasileiro ou uma igreja nacional, em programas como os que temos aqui. É um genuíno produto de exportação. ●



Profissão de fé. O economista Marcelo Neri no prédio da Fundação Getulio Vargas em Botafogo, onde trabalha: presidente do Ipea durante o governo Dilma Rousseff comanda nova pesquisa de campo que aborda as religiões no RJ e em SP